

ARQUEOLOGIA SEM FIM: SONHOS

Juliana Borzino

**Arte memória
sonho imagem**

O artigo apresenta parte da dissertação (in)sustentáveis de tempos: fantasmagorias entre imagem, arquivo e memória¹. Pretende elaborar relações entre as artes visuais e os sonhos, articulando saberes e interpretações que propõem leituras para além das estruturas ocidentais e coloniais do conhecimento, criando planos de escuta e de reorganizações de mundo.

ENDLESS ARCHEOLOGY: DREAMS | *The article presents part of the dissertation (un)sustainable of time: phantasmagoria between image, archive and memory. It aims to elaborate the relationship between visual arts and dreams, articulating knowledge and interpretations that propose readings beyond the western and colonial structures knowledge, creating plans of listening and world reorganizations.* | **Art, memory, dream, image.**

Corpo sonhador

Os sonhos são um conjunto de pensamentos, imagens, escutas, ideias, rituais que se experimentam geralmente enquanto se dorme, todavia algumas cosmovisões² antigas não delegam aos sonhos apenas uma prática ligada ao ato de dormir. Por isso, os sonhos permitem acessar entendimentos que transcendem os terrenos do corpo físico; eles nos mostram espaços de comunicação que transbordam os limites ocidentais do que entendemos por realidade. As energias transitam dentro e fora de nosso corpo em integrações humanas, animais, vegetais, minerais e cósmicas – são traços que marcam uma relação íntima entre os corpos e a memória criada a partir de experiências vividas e herdadas.³

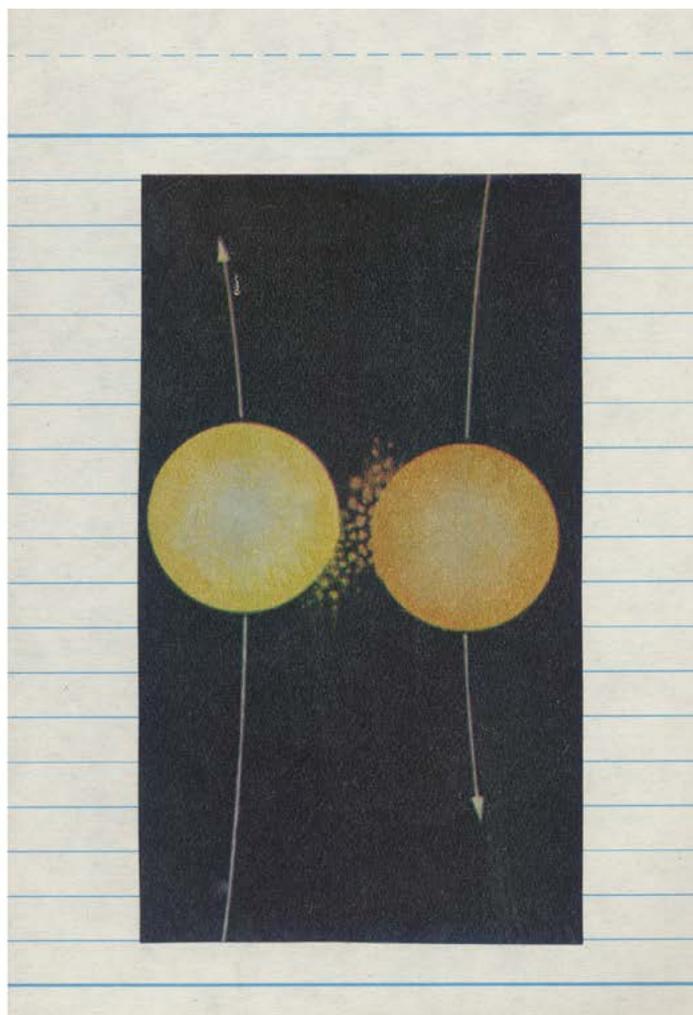
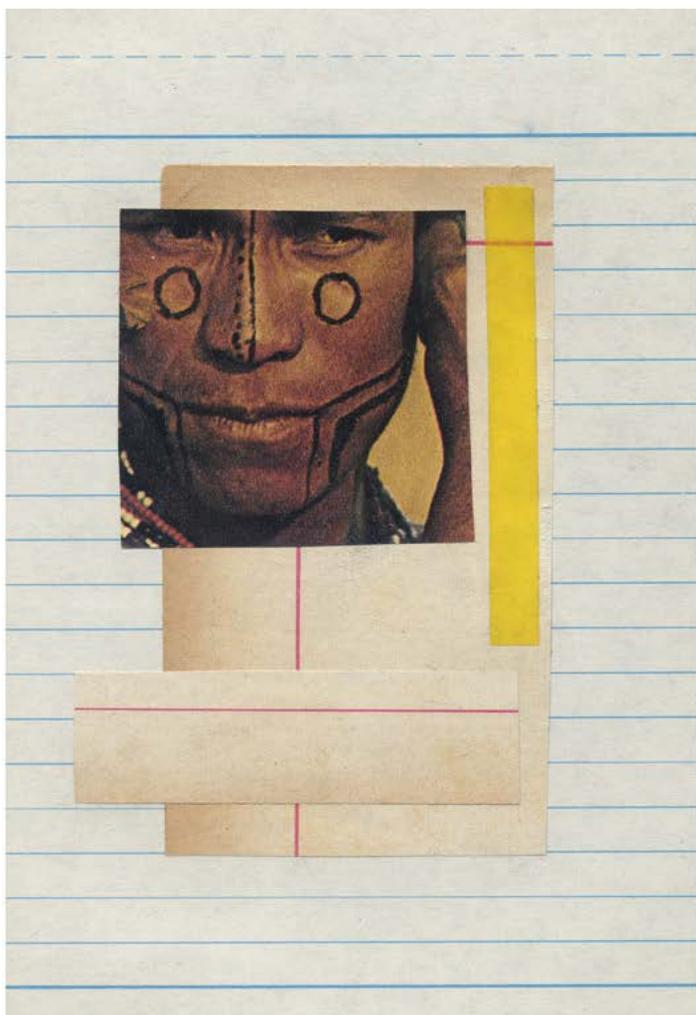
O sonho é matéria viva, nos abre para visões e estados perceptivos ampliados não apenas como um lugar de distração para o corpo que dorme, objetivando o descanso, mas abrindo para leituras e ligações, algumas vezes transcendentais. Por vias do cotidiano, o corpo sonhador, em detrimento das estruturas de vida correspondentes ao sistema do trabalho capitalizado, não é mobilizado para a prática do sonhar como possibilidade de aprendizado e entendimento para movidas outras, que não as estruturalmente atribuídas ao conhecimento ocidentalizado. Nessa fratura epistêmica sonhadora, encontra-se, mediante prática diária e intensa, lugar de criação e diálogo com estratégias de visibilização de reordenamento das relações de tempo e de espaço. Como se o lugar do sonho pudesse abrigar uma região em que imaginação e

Juliana Borzino, *Arquivo de sonhos: o quebrador de pedras*, colagem, 2017-2018

memória estão intimamente ligadas, como possibilidade de aprofundamento mútuo de conhecimento e resistência.

A memória nesse caso, não se refere apenas à lembrança do que se sonha enquanto se dorme; estabelecemos por meio dos sonhos um diálogo com os saberes antigos, possíveis ancestrais e as ligações místicas, pois se estrutura como um sistema de conhecimento e prática que não está atrelado às institucionalizações e que resiste enquanto tradição e escuta.

O corpo sonhador se situa e se alinha em uma conexão entre o corpo físico e o cosmos. Tal alinhamento envolve algumas ações, ou mesmo rituais, de preparação para se adentrar o estado do sonho, que pode ser o lugar do sono; e se relacionam com fatores internos e externos ao corpo. O corpo sonhador incide em diferentes comportamentos que demandam ao corpo físico agir e deixar de agir para adentrar no estado de sono, como, por exemplo, fechar os olhos e estar na posição horizontal; coexistindo tais ações com um



estado de quase imobilidade do corpo, entra-se em outro estado perceptivo. Ao fechar os olhos, o corpo vidente se ausenta da visão, a luz não incide na retina, inativando uma visão operativa a partir da qual se enxerga o espaço externo, o que poderia, em uma perspectiva metafórica, destinar a visão para uma funcionalidade outra, na qual os limites do pensamento se encontram em alterações perceptivas, estando ainda o corpo atravessado também pelas questões exteriores durante esse processo.

Juliana Borzino, *Arquivo de sonhos: o quebrador de pedras*, colagem, 2017-2018



Os sonhos são uma ferramenta para se experienciar o cotidiano; a transcendência possível a partir desse lugar não se distancia das experiências primárias de nosso corpo (dormir, comer, habitar), pelo contrário, ela é fundamento de diálogo diário, não sendo um acontecimento separado. Poderia ser como se diante dos sonhos estivéssemos em conexão com o que habita o corpo e o atravessa, desde quando se está dormindo até quando se está acordado. Essa perspectiva tem relação com as atividades e escolhas políticas da forma como se vive, do corpo que se habita e dos tempos criados.

Muitos fatores marcam a vida onírica. Mesmo pensando sob uma perspectiva transcendente à matéria, o corpo está carregado de subjetivações e estruturas que engendram afirmações e memórias históricas, que coexistem a uma ordem íntima da vida; portanto, não seria possível separar o espaço do sonho de todas as implicações que carregamos, que formam uma estrutura densa em uma tentativa complexa e fixada em saberes ocidentais de se vivenciar o saber do corpo. Os corpos são marcados pela história e pelas narrativas coloniais dominantes, e no decorrer desse processo encontra-se o conceito do tempo linear ocidental aliado a esses mecanismos, em que passado, presente e futuro funcionam como instrumentos rítmicos de dominação cósmica, humana e espiritual. Para uma mirada fora dessa lógica, seria preciso construir outras escutas, narrativas e afetividades para a memória-tempo de nossos corpos e de nossa capacidade de pensar.⁴

O inconsciente poderia ser um vasto oceano, dotado de enigmas e ligações que, inclusive, apreendem a tentativa consciente de determinar conceituações; porém, não pretendo me ater e situar o sonhar apenas nessas conceituações entre consciente e inconsciente, forças que não se



Juliana Borzino, *Arquivo de sonhos: o quebrador de pedras*, colagem, 2017-2018

colocam aqui como antagonônicas, mas coexistentes, como as energias da vida e da morte que nos habitam irremediavelmente.

Silvia Rivera Cusicanqui, em seu vídeo *Mar arriba*, nos conta:

O ser humano tem um pugio aqui (no topo da cabeça), é o que te conecta com as águas de cima e com as de baixo. Então o ciclo das águas passa pelo teu corpo e na vida e na morte se cumpre o ciclo. Se cumpre o ciclo do caminho humano pelas águas subterrâneas, por isso alguns acreditam que os mortos vão para o mar e outros acreditam que sobem para as montanhas.⁵

O ponto que nos conecta a essa fala é o *pugio* que, em uma possível tradução para português, significa olho d'água, a nascente da água, de acordo com a própria Cusicanqui. A nascente é o começo do curso da água do rio que brota de dentro da terra, dos lençóis freáticos, em analogia ao movimento energético que passa pelo corpo,

se conecta com águas que nos habitam, e se inicia ou termina no topo da cabeça.

A localização do *pugio* apontada por Cusicanqui me remeteu ao *chakra*⁶ coronário, que se situa no topo da cabeça, abrindo para uma ligação com a visão e com a criação hinduísta desses centros de energia. O *chakra* coronário (em sânscrito *Sahasrara*, que significa lótus das mil pétalas), é o *chakra* que em sua constituição representa a conexão dos seres com o universo, com o plano espiritual, sendo regido pela glândula pineal, justificando aqui o ponto de interseção que se dá na aproximação das distintas filosofias citadas.

A glândula pineal é um órgão sensorial localizado no cérebro, atrás das camadas ópticas; sua função é secretar a melatonina, hormônio responsável pela regulação do sono e da vigília, o que se dá pela captação de luz, pois não é toda luz captada pelos olhos que irá formar imagem; assim, a pineal tem a capacidade de captar a luz do sol, da lua, do brilho das galáxias. Atravesso esse panorama complexo dos *chakras* e da glândula pineal, pois nesta pesquisa há relação entre tais saberes.

Segundo o neurocientista Sérgio Felipe de Oliveira, a glândula pineal é sensível ao mundo espiritual, pois o estudioso localiza o fenômeno mediúnic como um fenômeno astrofísico,⁷ e a glândula como órgão do corpo físico que se relaciona com a quarta dimensão, que seria a extensão da própria matéria, pela qual se explicam alguns fenômenos de ordem oculta. Se a glândula pineal tem ligação com o sono e se relaciona com o plano espiritual, podemos atribuir aos sonhos uma possibilidade de se comunicar com esse plano; através dessa glândula, que converte as ondas eletromagnéticas em estímulos neuroquímicos, como uma antena de decodificação, é possível captar informações do mundo espiritual. As ondas eletromagnéticas são pulsos energéticos que se propagam no espaço, transportando energia, e podem se propagar no vácuo, como, por exemplo, as ondas de rádio, de televisão, internet, entre outras. A pineal tem em sua constituição física a presença dos cristais de apatita,⁸ que, segundo pesquisas, vibram conforme as ondas eletromagnéticas que captam, o que explicaria algumas regulações do corpo físico e uma possível ligação de comunicação transcendental dessa glândula pela captação de pulsos energéticos.

Nuvens de recordações

A glândula pineal também encontra ressonância na memória através da produção do hormônio denominado melatonina, que cumpre papel fundamental na ordenação temporal dos fatos, regulando os ciclos circadianos (relógio biológico, dormir e acordar). Sua produção é estimulada pela escuridão e inibida pela luz, que suprime sua síntese, por isso, a concentração de melatonina no corpo é muito maior à noite e enquanto dormimos; quando acordamos e recebemos a luz intensa do sol da manhã, a melatonina se transforma em serotonina.

Na ação de trazer de volta a memória dos sonhos, encontra-se o trabalho que chamo de arquivo de sonhos: o quebrador de pedras. Trata-se de uma pesquisa itinerante, elaborada para acessar, recolher e compartilhar os sonhos e as recordações advindas do sonhar. Os registros criados a partir dos sonhos se conectam a um ritual de aproximação de uma escuta onírica, como forma de investigar acessos e mapeamentos do que se passa nos corpos individual, social e político, e como eles são afetados pelo espaço e pelo tempo. Ao pensar nesses processos e inscrevê-los em memória, criamos outras estratégias para lidar com a própria história. Tal comunicação se amalgama à criação de um arquivo como abrigo e território de uma pesquisa artística que se adensa mediante registros e experiências, para se conectar com as recordações dos sonhos em formato de escritos, sons e imagens.

Durante a criação do arquivo, frequentemente faço uso da gravação de voz para registrar os sonhos (os meus e de outras pessoas que os queiram compartilhar), o que dimensiona uma atmosfera densa em que a frequência sonora da fala que descreve o sonho atinge um nível distinto de projeção, como se a voz entoasse um lugar aveludado, como se fôssemos, no estado de sonho, outro corpo de vibração sonora, diferente do que quando falamos cotidianamente, podendo se aproximar a uma baixa frequência ou a um ruído prolongado, um balbúcio de palavras que tentam elaborar um sentido quase narrativo para uma experiência que transcende uma base narrativa, pois atinge outro fluxo e tempo de acontecimento – contrastando com a tentativa da fala de dar conta de uma linguagem ou de um pensamento. Especulo que o corpo de vibração sonora do despertar equaciona a fala junto às pausas da memória, em um esforço do pensamento de se conectar com a experiência vivida no plano sonhado.

A escuta, ato de identificar os sons ou compreender o sentido das palavras (quando há palavras), como parte do processo de comunicação do sonho pela fala, estabelece uma conexão com o que é dito (gravado ou escrito), criando uma camada passível de perceber uma mudança de estrutura de linguagem, pois, para se narrar sobre o espaço de experiência vivido no sonho, a voz do corpo denuncia as dúvidas do rememorar ou a dificuldade de transformar a linguagem onírica em linguagem falada, escrita ou imagética. Ao transcrever alguns dos registros de áudios do arquivo de sonhos, optei por não identificar as vozes que contam os sonhos e pela decisão de usar os deslizamentos da fala, as palavras que servem como pausa ou dúvida, para evidenciar as diferentes estruturas que aderem ao exercício de lembrar e a tentativa de adequação à comunicação verbal de uma experiência que não necessariamente passa por essa elaboração.

Áudio: Eu sonhei que meu cabelo crescia de um dia para o outro e ficava grande, assim no ombro. Em outro momento existia uma cerimônia, uma coisa, talvez seu E. estivesse, em um lugar grande, talvez monumental, esse lugar acho que era perto da praia, que era esse lago, verde, com pedras. Um momento eu estava em uma casa em frente à praia, de madeira; existia uma consulta, eu ia me consultar com alguém misterioso que nunca apareceu, algo espiritual (...) talvez tivesse uma cigana, parecia uma espera, mas a gente nunca conseguia se consultar, a pessoa não aparecia. Nessa casa em frente à praia tinha vários bichos no mar, o mar era transparente e verde, tinha uma raia, um peixe-espada, tinha pessoas. Em outro momento eu estava no mar, que parecia um lago, tinha algumas ondas, eu estava com outras pessoas que não lembro quem. Quando eu estava nessa casa esperando essa consulta espiritual, tinha algo

com comida de santo (...) quando eu mergulhei com um boto cor-de-rosa eles encostavam em mim, era uma mistura de agonia e alegria.

Arquivo de sonhos: o quebrador de pedras, áudio transcrito, 2017-2018

O desejo de pensar o sonho como um atravessamento experiencial cotidiano legitima a escuta de universos que envolvem um deslocamento das formas de aprendizado globalizado por uma estrutura que reconhece e coloca os saberes como unidades enrijecidas das mesmas vozes que têm espaço de articulação e continuam a ocupar e institucionalizar o conhecimento. A contrapasso dessa regra, resistem e criam-se estratégias de acesso a visões que desmantelam estruturas fixas de como se deve ou não conhecer, aprender. Ao atentarmos para o saber onírico, abrem-se possibilidades de processos para olhares e vivências. Em entrevista, Ailton Krenak⁹ compartilha o que poderia ser o lugar do sonho:

De que lugar se projetam os para-quebras "prazerosos"? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa Terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza como "estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro", mas sim o sonho que é uma experiência transcendente onde o casulo do humano implode de dentro para fora e a experiência espiritual e transcendente abre para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque a gente só consegue nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai



Juliana Borzino, *Arquivo de sonhos: o quebrador de pedras*, colagem, 2017-2018



Juliana Borzino, *Arquivo de sonhos: o quebrador de pedras*, colagem, 2017-2018

*para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser-se iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam ou têm passagem por esses lugares. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos, não é um mundo paralelo mas tem uma potência diferente.*¹⁰

Essa *potência diferente* pode conectar-se com algumas outras visões do sonho trazidas anteriormente, como em uma possível comunicação com o plano místico. Quando Krenak evoca o xamanismo e a intensa relação com o sonho que essa prática possui, da breve aproximação que tive, por meio de leituras e escutas, pude perceber que talvez essa amplitude comunicativa e relacional vivenciada no sonho encontre limites que não se acessam no estado desperto, mas sim, pelos canais que são ativados no momento do sonhar, no lugar do sonhar.

Ao pensar no onírico como fundamento constituinte da relação dos seres com o mundo, volto à ligação de práticas de resistência que incluem os sonhos, a espiritualidade, a arte, mas em sua forma de possibilidade de adentrar universos e criar ligações e rupturas, como espaço de escuta e desestabilização aos discursos imperativos históricos. Mesmo por tocar terrenos movediços, este texto não busca um reconhecimento de assuntos que me atravessam enquanto artista e pesquisadora, mas sim, criar problematizações de uma responsabilidade sobre uma produção discursiva e imagética, que figura outro ritmo à norma, ou disritmo, a quebra. Ao elaborar um pensamento em escrita recorro a memórias aparecidas no momento do sono junto a outros formatos tradicionais de conhecimento, como os livros, para encontrar saídas e possibilidades de interação, para uma visão aberta, ou que busca uma abertura ao lidar com as potencialidades de demarcação e experiência de tempo e de memória.

Segundo Carl Gustav Jung, os sonhos podem ser feitos de ilusões, antecipações, visões telepáticas, recordações; uma infinidade de conjunturas elabora o sonho na formação das imagens interiores pelas energias psíquicas, em uma dialética entre consciente e inconsciente, segundo sua concepção, da qual o inconsciente sustenta dados mais profundos ainda não apreendidos pelo consciente. No estudo da parapsicologia, que investiga fenômenos que interessavam a Jung, a via de acesso ao inconsciente mental é o consciente, por uma sugestão verbal. É possível ligar a esse pensamento a estruturação do arquivo de sonhos, em que a elaboração da palavra dialoga com a formação das imagens. Já o inconsciente somático, sob essa perspectiva, estaria ligado ao *chakra* do plexo solar, chamado em sânscrito de *Manipura* (significando Cidade das joias), associado às emoções e à intuição. O *Manipura* se localiza na região do umbigo, parte do corpo humano que teria conexão de forte percepção de energias externas, por isso a relação de somatização, que conseqüentemente afeta essa região.

A intuição poderia ser escutada como uma voz interior, um possível acesso ao inconsciente, não precisando estar no estado do sono; uma estratégia de percepção e decisão liga-se a uma escuta em que a frequência sonora vibra em timbres distintos aos audíveis pela voz falada, pois está ligada ao pensamento e às comunicações de ordem oculta. E pode estar associada a experiências vividas e marcadas no corpo, que se manifestam em outras situações, passando por uma energia sutil de entendimento. A intuição está também ligada à memória sonhada, mesmo que não nos lembremos do sonho, quando guardamos a intuição do relacionamento que tivemos com outros “seres”, em conversa ou instruções que tenhamos recebido; e à mediunidade, em que se recebe o pensamento

e o transmite, para pensar em vozes que destacam uma relação misteriosa, e por vezes profética e de vislumbres outros, que compõe a experiência onírica.

É interessante notar que as antecipações e visões telepáticas enunciadas por Jung encontram na *Enciclopédia de Parapsicologia* duas bifurcações de formas de sonho: o sonho de origem premonitória, “em que o indivíduo tem percepções reais de acontecimentos ou coisas que hão de acontecer”;¹¹ e o sonho de origem telepática: “estado em que o indivíduo tem percepções reais de acontecimentos de coisas presentes e passadas”.¹² Ambas as formas lidam com uma relação de temporalidade, seja no presente, passado ou futuro; sonhar se conecta aos tempos por via diferente da marcação e capitalização (como, por exemplo, o controle do tempo de sono e do trabalho). Pois ao futuro que se poderia dizer surpresa e ao passado que se poderia dizer fixo, em saberes mais rígidos e lineares, aqui se desmonta essa rigidez. Tais sonhos podem ser atribuídos aos grandes sonhos, os que não passam apenas pela camada cotidiana de acesso, que influem nas ordens premonitórias ou telepáticas, atravessam relações feiticeiras, xamânicas ou mediúnicas.

Áudio: Tinha eu e mais duas pessoas, eu não sei se uma delas era a mãe e a n.; tinha alguma coisa com umas contas, que eu também não sei direito, mas a gente estava fazendo uma coisa minuciosa e tínhamos que descobrir alguma coisa com umas contas ou umas plantas não sei; aí tinha um vasinho muito pequeno com uma espécie de planta, não sei, tipo um cacto talvez, só que era tudo muito pequeno, aí eu pegava um negócio para aumentar, como se fosse uma lente de aumento, e a imagem que eu tinha era como se fosse uma conta de Ossaim, dessa branca e verde, mas na verdade era uma

planta, como se fosse um cactus (...) era alguma coisa, tipo, era como se fosse um cactus que parecia a conta, a missanga e do lado tinha uma outra também que já era mais cara de cactus mesmo, tudo muito pequeno; aí eu usava esse negócio que era como se fosse uma lente de aumento para ver o que que era, mas eu não lembro o que que a gente estava fazendo e o porquê. (...)

Arquivo de sonhos: o quebrador de pedras, áudio transcrito, 2017-2018

A ação de sonhar como ponto de interseção, em que memória, conhecimento e corpo se encontram para outras ocupações de mundo, na coexistência criativa que se intercomunica pela própria experiência de guardar e recolher como ato de criar lembranças, que, aqui, se abrem como artifícios que reformulam a possibilidade de imaginar outras perspectivas de acesso aos recursos e adventos memoriais em analogias a suas reverberações no presente.

NOTAS

1 Borzino, Juliana da Silva Telles. (in)sustentações de tempos: fantasmagorias entre imagem, arquivo e memória. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2018.

2 “A noção de cosmovisão se origina em uma cultura que tem uma visão holística, integrando o mundo com o cosmos. Nesta perspectiva, toda a natureza é vista como um ser vivo, como um animal, com todas as partes inter-relacionadas e que precisam atuar. A sociedade humana é parte da natureza e a humanidade funciona e se comunica com a natureza. A

natureza não pertence à humanidade, mas a humanidade pertence à natureza. Desta forma, a sociedade humana não se opõe à natureza, como na visão ocidental, onde o homem é considerado o conquistador das forças naturais. Esta relação não é estática, mas dinâmica, e inclui manipulação contínua e transformações constantes para o ambiente que não devem ser abusadas.” David Millar. In *Visiones de mundo africanas tradicionales desde una perspectiva de cosmovisión*. In: Haverkort, Bertus; Hiemstra, Wim (ed.). *Comida para el pensamiento: visiones antiguas y experimentos nuevos de la gente rural*. Leusden: ETC/Compas, 1999: 144.

3 Seria possível, por meio dos sonhos, acessar ligações com ancestrais, consanguíneos ou não.

4 Cusicanqui, Silvia Rivera. *Mar arriba – los conjuros de Silvia Rivera Cusicanqui*, 2009. Vídeo disponível em: <https://vimeo.com/191010897>. Acessado em: agosto de 2017.

5 Cusicanqui, op. cit. A crença do lugar dos mortos citada por Cusicanqui está relacionada à filosofia dos Aymara, povo estabelecido desde a era pré-colombiana na América do Sul, mais especificamente no sul do Peru, na Bolívia, na Argentina e no Chile.

6 A palavra *chakra* vem do sânscrito *chakra* e significa roda de luz; chakras são centros responsáveis pela circulação da energia, sendo sua função captar e conduzir a energia em nosso corpo. Os sete principais *chakras* localizam-se ao longo da coluna vertebral do corpo humano e, segundo a tradição hindu, seguem as cores do arco-íris.

7 “A astrofísica é um ramo da astronomia que trata da constituição material, composição química, estrutura e origem das estrelas e de outros corpos celestes, com base nas leis e princípios da física; física cósmica.” *Dicionário Michaelis*. 21. Editora Melhoramentos Ltda., 2018.

8 A apatita é um dos poucos minerais a ser produzidos e utilizados por sistemas biológicos. A hidroxiapatita é o principal componente do esmalte dentário e está presente também na glândula pineal.

9 Líder indígena, ambientalista e escritor. Krenak, Ailton. *Encontros Ailton Krenak*. Sergio Cohn (organização). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

10 A partir da entrevista conduzida por Rita Natálio e Pedro Neves Marques a Ailton Krenak, durante sua vinda a Lisboa, em maio de 2017 no âmbito de uma conferência no Teatro Maria Matos, transcrita e editada por Marta Lança. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/a-humanidade-que-pensamos-ser-projeto-antropocenas>. Acessado em: novembro de 2017.

11 De Paula, João Teixeira. *Enciclopédia de parapsicologia, metapsíquica e espiritismo*. Volume III. São Paulo: Cultural Brasil Editora LTDA, 1973: 157.

12 Idem, *ibidem*.

Juliana Borzino Artista, pesquisadora e educadora, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Mestre em *Linguagens Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ*. Pesquisa assuntos relativos a memória, ao arquivo e aos sonhos, a partir da produção de imagens, escritas, objetos e sons. Desenvolve desde 2015 o projeto sonoro coletivo *meteoro*. Leciona no bacharelado em história da arte e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, linha de pesquisa História e Crítica da Arte, da EBA/UFRJ.